

De Bar em Bar: Notas etnográficas sobre os Bares da Periferia

*Álvaro Banducci Junior**

*Valdir Aragão do Nascimento***

O trabalho aqui exposto objetivou deslindar o universo lúdico das práticas de lazer elencadas pelos moradores dos bairros mencionados, notadamente às que conferem, segundo os interlocutores, maior satisfação. O trabalho buscou coligir e analisar as formas de lazer nos espaços tidos socialmente como masculinos: os bares. Os dados obtidos referem-se aos jogos; ao consumo de bebidas e às relações socioculturais estabelecidas pelos frequentadores quando entregues ao convívio na esfera lúdica que os bares oportunizam. A pesquisa foi realizada na cidade de Campo Grande/MS; notadamente os bairros Jardim Itamaracá, Campo Verde e Pacaembu.

Palavras-Chave: Antropologia, Lazer, Periferia

Introdução

O modelo de lazer largamente difundido pelas indústrias de diversão e entretenimento está centrado no consumo, ou seja, cria a ilusão de que o melhor estilo de vida é aquele praticado pelo galã da novela; pelo garoto do comercial de carros; pela mulher “estressada” que sai para fazer compras só para “espairecer”. O preconceito que essa noção de lazer enseja, tende a considerar o lazer como algo supérfluo, ou ainda um privilégio

* Doutor em Antropologia Social. UFMS. banducci@uol.com.br

** Bacharel em Ciências Sociais (UFMS). Mestrando em Antropologia – PPGAnt – UFGD. 33valdir@gmail.com

The work discussed here aimed to unravel the playful universe of leisure practices listed by the residents of the neighborhoods mentioned, especially those which give, according to the interlocutors, greater satisfaction. This study aimed to collect and analyze the forms of leisure spaces taken socially as masculine: the bars. The data refer to the games,

the drinking and sociocultural relations established by patrons when delivered to the living play on the ball that nurture bars. The survey was conducted in Campo Grande / MS, especially the neighborhoods Itamaracá Garden, Campo Verde and Pacaembu.

Keywords: Anthropology, Recreation, Periphery

das classes abastadas. Nesse sentido, Bruhns¹ assevera que tal maneira de pensar o lazer, aliena uma grande parte da população de seus direitos de cidadãos. Assim, o lazer deve ser entendido como uma forma de essencializar o ser humano, devendo ser considerado como um bem igualitário.

Diante de uma perspectiva de lazer reificada, estereotipada e mercantilizada, este trabalho objetivou desnudar o universo semântico de algumas práticas de lazer das classes populares. Segregadas às periferias e favelas, estas classes não dispõem de condições para usufruir dos entretenimentos que a propaganda e o marketing consideram e preconizam como ideais; daí a importância de se descobrir como estas pessoas se divertem ou, ainda, como “gastam” seu tempo livre.

Desse modo, o objetivo que orientou a pesquisa foi descobrir quais as preferências que norteiam a vida dos moradores da periferia quando procuram satisfação e entretenimento longe do cotidiano do trabalho e, ainda, revelar as particularidades das práticas lúdicas dos moradores e se estas lhes trazem o contentamento almejado. O que se pretendeu foi desnudar os aspectos relevantes e os sentidos atribuídos pelos moradores da periferia às suas práticas de lazer. Como esferas representativas do lazer na periferia, foram escolhidos os bares de três bairros da periferia da cidade de Campo Grande – MS, quais sejam: Jardim Itamaracá, Campo Verde e Pacaembu.

A metodologia adotada foi a de estudo de caso. Este instrumento de pesquisa caracteriza-se pelo uso de outro método clássico nas Ciências Sociais: a observação participante. No decorrer do trabalho de campo, foram feitas entrevistas com os frequentadores dos bares dos bairros mencionados. Além de entrevistas,

¹ BRUHNS, Heloisa T., GUTIERRES, G. L. (Org.). *O corpo e o lúdico: cilco de debates lazer e motricidade*. Campinas: UNICAMP, 2000.

foram realizadas visitas periódicas aos bares no intuito de elencar os dados etnográficos necessários à análise da realidade sociocultural que se apresenta no cotidiano dos atores sociais inseridos no contexto de lazer. As entrevistas serviram como estratégia de “entrada em campo”.

Os dados obtidos através de questionários e entrevistas foram também analisados e interpretados (sabendo-se, de antemão, que são frágeis e eivados de possibilidades de erro) com o fito de responder às questões levantadas neste trabalho. Sabe-se, contudo, que questionários e entrevistas não se configuram como instrumentos indefectíveis de levantamento de dados de cunho científicos².

Buscando inspiração no arcabouço teórico-metodológico da Antropologia, este trabalho teve como referencial teórico a antropologia interpretativa de Clifford Geertz. O que se procurou foi entender o papel da cultura na vida humana; compreensão que Geertz acredita ser o dever da teoria³.

Lazer: aportes e conceitos

O fato de não haver um consenso geral sobre o que seja o lazer, indica que é forçoso reconhecer que desta forma o tema é crivado de julgamentos de valor e preferências⁴. Para Dumazedier⁵, o lazer é definido por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. Dever-se-á, ainda, salientar que ele só é praticado e compreendido pelas pessoas que o praticam dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros. Para ele, o lazer não tem qualquer significado em si mesmo.

Gaelzer⁶ acentua que o importante é ter consciência que o lazer não é uma situação na que se pode fazer o que se quer. É, também, o fenômeno que leva

² HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Pedrópolis: Vozes, 2010.

³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 19.

⁴ PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Trad. Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

⁵ DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Ed. Perspeciva, 1976, pp. 31-31.

⁶ GAELZER, Lenea. *Ensaio à liberdade: uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre*. Porto Alegre: Luzzano, 1985, p. 26.

ao descanso sem tensão e a uma situação sem constrangimento. Na concepção dessa autora, o lazer se configura como uma oportunidade em que o indivíduo pode descansar sem tensão ou constrangimento, ou seja, em que o indivíduo pode usufruir o seu tempo de lazer sem se preocupar com questões de qualquer natureza; pressupondo total liberdade onde as necessidades de subsistência e existência não interferem, ou, em outras palavras, onde não haja influência externa do trabalho, da família, das normas e das pressões sociais. Desse modo, o lazer não implica em nada mais senão na habilidade que o ser humano tem de ser ele mesmo.

Corroborando a opinião de Gaelzer e – de certo modo – à de Dumazedier em relação ao caráter ontológico do lazer, Andrade⁷ afirma que o lazer considerado em si mesmo e em seus efeitos é um fenômeno integralmente dependente das estruturas psicológicas, das infraestruturas sociais, dos níveis mentais individuais e das próprias capacidades orgânicas de quem o exerce ou pretende exercê-lo. Por ser subjetiva, sua mensuração é sujeita às múltiplas possibilidades de erros de interpretação, pois cada pessoa é única e diferente de todas as demais.

O lazer, na concepção de Andrade⁸ ultrapassa qualquer esforço de mensuração ou enquadramento classificatório, não se circunscreve a tipos, formas ou modalidades. Nem se esgota nas explanações teóricas ou nos recursos dos instrumentos sociais formais e informais. É fenômeno aberto que, por natureza da própria liberdade de ser e de agir de cada indivíduo humano, depende de concepções particulares, de conveniências e necessidades, de circunstâncias e épocas. Conforme a diversidade de caráter e do temperamento das pessoas, as expressões do lazer aparecem como estáticas ou dinâmicas; definidas ou volúveis

Retomando Dumazedier⁹, o lazer de hoje não é nem egoísmo e nem tampouco egocentrismo. É, acima de tudo, uma forma nova de afirmação do sujeito social em face do trabalho e das instituições de base da sociedade, tais como: estilo de vida, sociabilidade e cotidiano. É a aspiração de viver um jogo maior dentro das engrenagens da vida. Assim, o tempo social do lazer de hoje exprime

⁷ ANDRADE, José Vicente de. *Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 77.

⁸ *Idem*.

⁹ DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre*. Trad. Octávio de Lima Camargo emarília Ansarch (colaboração). São Paulo: Nobel; Sec, 1994, p. 48.

uma conquista: a possibilidade de o homem usufruir o seu tempo de lazer independentemente da participação institucional que o funcionamento utilitário da sociedade impõe.

Desta concepção de tempo social como conquista e liberação, emerge um outro aspecto importante na problemática que o lazer enseja: o tempo livre. Este se configura como uma imposição do progresso tecnológico e uma conquista do homem no mundo do trabalho. O trabalho é, portanto, o antônimo de tempo livre. Mas não de lazer. Lazer e trabalho não estão em oposição, devem servir um ao outro e serem complementos da vida do homem¹⁰.

Parker¹¹ observa que o aumento das indústrias de lazer em massa, quase por definição, leva a uma ampliação do âmbito de bens e serviços de lazer que podem ser adquiridos por grandes quantidades de pessoas. Contudo, isto não significa que haja igualdade social no lazer.

Lazer e diferença de classes

A estratificação social é um ingrediente importante das sociedades modernas, e o lazer adotado pelas pessoas é influenciado por sua classe ou condição social. Na medida em que a ocupação determina a posição de classe, as desigualdades no lazer são relativas aos vários grupos ocupacionais. Porém, presentes na estratificação existem também elementos culturais e educacionais que, embora possam unir para propósitos de lazer indivíduos com as mesmas experiências culturais e educacionais, servem também para separar aqueles que não partilham dessas experiências¹².

O tempo fora-do-trabalho é, como observou Dumazedier¹³, evidentemente, tão antigo quanto o próprio trabalho, porém o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida da revolução industrial. Nas sociedades pré-industriais o lazer não existe, o trabalho inscreve-se nos ciclos naturais das

¹⁰ GAELZER, Lenea. *Lazer, bênção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina, 1979, p. 43.

¹¹ PARKER, Stanley. *Op. cit.*

¹² *Idem.*

¹³ DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer.* São Paulo: Perspective, 1979, p. 26.

estações e dos dias: é intenso durante a boa estação, e esmaece durante a estação má. Seu ritmo é natural, ele é cortado por pausas, cantos, jogos, cerimônias. Em geral se confunde com a atividade do dia: da aurora ao pôr-do-sol. Entre trabalho e repouso o corte não é nítido.

Nos climas temperados, no decurso dos longos meses de inverno, o trabalho intenso desaparece para dar lugar a uma semi-atividade; durante a qual a luta pela vida é, muitas vezes, difícil. O frio mortífero e a fome frequente conjugam-se às epidemias. Esta inatividade é suportada, ela é amiúde associada a um cortejo de adversidades. Evidentemente, não apresenta as propriedades do lazer moderno

Ainda conforme Dumazedier¹⁴, estes ciclos naturais são marcados por uma sucessão de domingos e festas. O Domingo, tal como entendido aqui, refere-se ao dia dedicado ao culto, pertence ao culto. As festas muitas vezes são ocasião de um grande dispêndio de alimentos e de energia; constituem o inverso ou a negação da vida cotidiana. Os festejos são indissociáveis das cerimônias, dependem geralmente do culto, não do lazer.

O desenvolvimento das grandes indústrias acabou com este antigo ritmo de trabalho, determinado pelas estações do ano e interrompido pelos jogos e festas. Após longas horas de trabalho diário, só restava o repouso. Hoje, após as conquistas dos trabalhadores, o repouso foi substituído por um conjunto integrado das mais diversas atividades, não ligadas a necessidades e obrigações, como, por exemplo, os deveres familiares e sociais.

Como observou Andrade¹⁵, com a Revolução Industrial, nasceu uma nova civilização e cultura, que possibilitaram reflexões que levaram a humanidade ao reconhecimento dos direitos universais ao lazer e ao repouso. No entanto, nem todos os seus tipos e formas estão ao alcance de toda a humanidade, porque a nova ordem social, embora proclame direitos e os reconheça como extensivos a todos, não tem meios de fazer com que todos os homens e mulheres tenham acesso a condições de exercê-los igualmente, porque tanto indivíduos como culturas sempre se diferenciam.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ ANDRADE, José Vicente de. *Op. cit.*, p. 15.

Identidade e Lazer

Apesar das diferenças existentes entre indivíduos e culturas, o lazer praticado em qualquer esfera da relação humana, não pode ser considerado uma manifestação estanque de identidade local. No caso específico do lazer da periferia de campo grande, por exemplo, este não pode ser considerado como característica identitária dos moradores, visto que em outras periferias do país os mesmos códigos se repetem.

No prefácio à segunda edição do livro de José Guilherme Cantor Magnani, *Festa no Pedaco*, a antropóloga Ruth Cardoso¹⁶ – comentando as influências existentes no contexto do lazer da periferia, principalmente no tocante à questão do local e do universal - assevera que os trabalhadores vivem uma experiência urbana fundamental: “[...] a criação de identidades locais que passam pelo consumo de informações universais”. Ou seja, não existe uma forma de lazer regional, pura, como querem alguns, o que existe são manifestações culturais características de determinados grupos sociais que vivenciam as mesmas condições estruturais de existência.

Dessa maneira, as noções de pertencimento que a atmosfera dos bares ensaja “são fundamentais na construção dos sujeitos sociais, pois revelam universos simbólicos partilhados. As conversas entre homens são locais privilegiados para a produção de significados, no que se refere ao conteúdo e a dinâmica destas”¹⁷.

Os bairros e os bares

Os bairros visitados neste trabalho assemelham-se em muito a outros bairros existentes nas periferias da cidade de Campo Grande; ou seja: falta pavimentação, esgoto, posto policial, enfim, faltam, aos moradores que neles residem, condições mínimas de acesso aos bens e serviços públicos que lhes são de direito.

Para obter tais serviços, os moradores têm de procurá-los em outros bairros – dependendo do transporte público que, como é sabido, é lento e insuficiente.

¹⁶ CARDOSO, Ruth. Prefácio. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa ao pedaco: cultura popular elazer na cidade*. São Paulo: Unesp; Hucitec, 1998, p. 16.

¹⁷ JARDIM, Denise Fagundes. *De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares*. 1991, 177 fls. Dissertação em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/UFRGS, P. 16.

Morar na periferia é, nas grandes e médias cidades brasileiras, o destino dos pobres, condenando-os a conviver com a ausência de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles. É o mesmo que se dá com os transportes. Caros e ruins. Ruins e demorados¹⁸.

Devido à falta de opções em relação ao lazer, uma parcela considerável da população masculina – a feminina também, ainda que em contingente menor – se concentra, principalmente à noite, nos bares; denominados por alguns como constituintes de uma “realidade própria dos bairros pobres da cidade”¹⁹. Essa concentração de pessoas nos bares se deve à necessidade de, segundo alguns entrevistados, “espairecer”. O depoimento de Marcus [28 anos, casado] ilustra bem isso:

É o seguinte, meu, eu venho pro bar porque depois de dá um trampo eu vô pra casa, né? Mas lá em casa num tem nada pra fazê. Eu num vô ficá assistindo novela, né? Às vezes eu assisto o jornal, mas é tudo a mesma coisa, só fala do mesmo assunto; é uma mentirada só. Então eu venho pra cá, aí eu encontro um chegado ou um amigo e a gente começa a conversá, jogá sinuca, tomá cerveja, né? E por aí vai. Você acaba esquecendo os pobrema do serviço, das conta, é isso aí²⁰.

Alguns aspectos relacionados à amizade são percebidos no depoimento de Marcus, por exemplo: o “chegado” não é um amigo no sentido estrito do termo. Como observou Magnani²¹: “[...] diz-se que alguém é ‘chegado’ a fulano quando é apenas conhecido e os seus vínculos com ele são superficiais”.

Desse modo, o “chegado” é um indivíduo com quem não se tem afinidade; uma pessoa que se conheceu numa festa por intermédio de um amigo. O chegado não é convidado, como são os amigos, para ir ao bar; ele é encontrado por acaso e cumprimentado, via de regra, com aperto de mão (ou um aceno) e a seguinte frase: “E aí, chegado, beleza?”.

¹⁸ SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987, p. 47.

¹⁹ VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si*. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século, 1995, p. 181.

²⁰ As entrevistas [obtidas junto aos interlocutores dos bares onde foi realizada a pesquisa] são transcritas em itálico para se diferenciar das citações [com mais de três linhas] retiradas de trabalhos de autores que corroboram ou explicitam as observações feitas ao longo do texto.

²¹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Op. cit.*, p. 115.

A questão do toque de mão, do cumprimento, é importante para se analisar o grau de relação entre os indivíduos no interior da atmosfera dos bares. O caráter de rito desta prática cultural entre os jovens fica patente quando, por algum motivo, ela não é seguida à risca, ou seja, quando alguém desconsidera, na presença de “chegados”, o tradicional “e aí, chegado, beleza?” e passa por uma pessoa conhecida sem cumprimentá-la, o poder de coerção do grupo se faz presente e se manifesta na indignação fria de um ou outro membro do grupo: “por que você não cumprimentou o cara, meu?!”. Esta indagação é geralmente seguida de um pedido de desculpas e alegação de displicência e, quase sempre, pronta correção do “erro”.

Outro aspecto importante, ligado ao cumprimento aos “chegados”, é a diferença entre o aceno e o aperto de mão. O aceno e o cumprimento tradicional *e aí chegado* são manifestações de respeito e camaradagem, enquanto que o aperto de mão e o cumprimento tradicional *e aí chegado* significam a possibilidade de estreitamento dos laços e podem “transformar” um “chegado” em amigo.

Lazer e mercado

No que concerne ao lazer, cada vez mais, as pessoas são convencidas através dos meios de comunicação (ainda que, talvez, não intencionalmente) de que o melhor lazer é aquele onde se pode viajar para lugares paradisíacos e se hospedar em hotéis suntuosos; onde se pode nadar em piscinas gigantescas; onde se possa ir à praia a qualquer hora, dentre outras modalidades preconizadas e aceitas como ideais.

No mundo contemporâneo, as questões de lazer podem receber alta valorização em âmbito financeiro, tornando-se uma das indústrias mais rentáveis e prósperas, onde se paga muito para “entrar no jogo” e usufruir determinadas atividades, como viagens, hotéis e, até mesmo, acesso aos elementos culturais em geral²².

²² SCHWARTZ, Gisele Maria. Homo expressivus: as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, Heloisa Turini (org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 88.

O “bar de família” e o “bar liberado”

Outra faceta interessante do comportamento dos indivíduos no bar é a que concerne ao respeito pelo estabelecimento comercial – que reflete o respeito pelo lugar e pelo dono do estabelecimento. Esse respeito se manifesta na interdição de palavrões, palavras ou gestos obscenos no interior dos bares. Aqui, o próprio espaço determina o comportamento. Roberto Da Matta, quando problematiza a questão do espaço da casa, da rua e do outro mundo; dá a seguinte explicação sobre a influência do espaço no comportamento das pessoas:

[...] estou me referindo a espaços, a esferas de significação social – casa, rua e outro mundo – que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes. É que eles contêm visões de mundo ou éticas que são particulares. Não se trata de cenários ou de máscaras que um sujeito usa e desusa [...] de acordo com suas estratégias diante da “realidade”, mas de esferas de sentido que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias. Sustento, então, que, embora existam muitos brasileiros que falem uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal – o esperado e o legitimado – é que *casa, rua e outro mundo* demarquem fortemente mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. O comportamento esperado não é uma conduta única nos três espaços, mas um comportamento diferenciado de acordo com o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação²³. **[grifo do autor]**

Nos bares da periferia, o espaço adquire significação devido à classificação que os indivíduos imputam a eles. Nos bares existentes no Jardim Itamaracá, no Campo Verde e no Pacaembu, durante a pesquisa de campo, percebeu-se que os frequentadores os classificam como “bar de família” e “bar liberado”.

Os bares reputados como “de família”, são comumente os que funcionam também como mercearia, mercadinho, açougue ou padaria; dupla funcionalidade que, quase sempre, vem expressa na fachada do estabelecimento: “Bar e Mercearia do Zito”; “Bar e Açougue do Alemão”; e assim por diante.

O aspecto familiar de que se reveste o bar tido de “família”, funciona também como um mecanismo de proteção ao comércio. Ou seja: os bares consi-

²³ DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, pp. 51-52.

derados como “de família” são freqüentados por todas as pessoas do bairro: as mulheres, os homens, as crianças (a mando de seus pais), as senhoras com alguma idade. Então, é compreensível que se queira manter uma aura de respeito em relação ao bar, para que não se perca a clientela.

Em geral, as pessoas – os homens, principalmente – vão a esses bares para comprar alguma coisa que esteja faltando em casa, ou quando chegam do trabalho à tarde e querem “tomar uma pra jantar”. Dificilmente estes bares reúnem muita gente, exceto no final de semana; mas ainda assim, o contingente não chega a ser expressivo.

A padaria, que também funciona como bar, embora, às vezes, isto não esteja especificado na fachada, é outro lugar bastante freqüentado e está inserida no universo denominado “de família”. Tanto a padaria como outros estabelecimentos, como constatou Magnani: “[...] permanecem abertos aos sábados e até mesmo aos domingos, pois é no fim de semana que as pessoas podem fazer suas compras”²⁴.

A uniformidade parece favorecer o desenvolvimento de uma sociabilidade local que distingue essa população das camadas mais abastadas. Para estas, as distâncias são eliminadas pelo automóvel e pelo telefone, e a sociabilidade se exerce entre parentes e amigos dispersos pela cidade. A casa ou o apartamento, isolados e auto-suficientes, limitam um espaço social que não é completado pela vizinhança. Na periferia, ao contrário, a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidade²⁵.

Essa mobilidade das classes abastadas, que inibe as práticas de sociabilidade no espaço doméstico e na vizinhança, também foi detectada por Forjaz²⁶ quando da realização de uma pesquisa sobre o lazer das elites na cidade de São Paulo:

Aquelas formas de entretenimento produzidas no espaço doméstico e familiar envolvendo a afetividade e a sociabilidade (tais como visitas, reuniões, ou simplesmente bater papo, conversar, conviver) aparecem com freqüência bem menor e não constituem o padrão dominante de lazer entre as elites [...].

²⁴ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Op. cit.*

²⁵ DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 174.

²⁶ FORJAZ, Maria Cecília Spina. Lazer e consumo cultural das elites. *Revista de Ciências Sociais*. São Paulo: Ampocs; Vértice, v. 3, fev. 1988, p. 103.

Ainda no tocante aos bares, estes são como já citados, de vários tipos, ou seja, desempenham múltiplas funções, tais como: bar e mercearia; bar e açougue; bar e lanchonete; bar e mercadinho; bar e mini-conveniência; além da divisão engendrada pelo imaginário das pessoas como o “bar de família” e o “bar liberado”.

O “bar de família” é considerado como um espaço de respeito, de livre circulação e acesso a todas as pessoas do bairro, visto que neste é vedado aos frequentadores um comportamento desregrado e descompromissado com as normas morais aceitas e praticadas entre os moradores.

O “bar liberado” é o espaço das manifestações de opinião, indignação e comportamento de uma forma menos comedida e vigiada. Aqui é permitido (ou pelo menos tolerado sem sanções) o uso de palavrões, gestos obscenos e outras modalidades de expressão pouco usuais no universo moral destas pessoas.

Geralmente, a dupla função inerente aos bares da periferia está ausente no “bar liberado”. Este, quase sempre, consiste em algumas mesas de sinuca (duas ou três) dispersas ao longo do bar e algumas mesas esparramadas na frente. Aqui, não se vende condimentos; só bebidas e cigarros. Por não serem frequentados por todos os moradores da periferia, estes bares são considerados espaços marginais.

Alguns moradores nutrem certo preconceito contra as pessoas que frequentam bares. Para estas pessoas, o bar é um lugar de gente “que não presta”, de gente “sem qualidade”. Maurício [36 anos, casado] quando indagado acerca de sua antipatia pelos bares deu a seguinte resposta:

Ah, no bar acontece muita briga, né? A gente vê na televisão. Só vai gente que num presta lá. Eu num gosto do bar por causa disso. Às vezes eu vou lá comprá cigarro ou cerveja, mas saio logo. Fica um monte de bêbado jogando sinuca e bebendo o dia inteiro, como é que pode, né? Parece que eles num têm família.

Esta característica “marginal” conferida aos bares por pessoas como Maurício, tem sua origem (senão de todo pelo menos em parte) no sensacionalismo de alguns noticiários da capital, que via de regra apresentam os bares da periferia como lugares perigosos; onde se corre risco de morte a todo instante. Mostrando

só o lado negativo dos bares, a imprensa contribui com a manutenção do preconceito que atinge, não somente os bares enquanto espaço, mas as pessoas que os frequentam. Transformam um lugar destinado à sociabilidade e à distração em um lugar onde, aparentemente, só se manifesta a violência, o vício e a degradação.

Um aspecto importante da sociabilidade entre os frequentadores do bar é a questão da solidariedade; mesmo estando desempregado o indivíduo não deixa de frequentar o bar – embora que, nessa condição, vá com menos assiduidade. Ele é sempre convidado pelos amigos e quando alude à falta de dinheiro, logo é tranqüilizado com frases do tipo: “pô, meu, nós estamos chamando, né? Então, não esquenta, tá!”.

Porém, essa solidariedade é reservada aos amigos, ou seja, àqueles que participam das redes de relacionamento tecidas na vivência do cotidiano; ou como observou Magnani²⁷: “Não basta, contudo, morar perto ou frequentar com certa assiduidade estes lugares [...] é preciso estar situado numa particular rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência”.

Nessa conjuntura, as trocas – revestidas de caráter ritual – existentes no interior dos bares, configuram-se como alicerce moral da sociedade. Isso ocorre porque tais trocas demarcam as fronteiras estruturais de aliados e parentes, remoçando e retroalimentando um sistema complexo de valores. Assim, o fluxo de produtos como cigarros e bebidas, transcende tanto o princípio da reciprocidade quanto o do cálculo individual²⁸.

A importância das relações sociais, representadas no âmbito dessa solidariedade entre amigos, fica clara quando se observa o comportamento desses indivíduos face a outro que não é do grupo; é o caso do “chupim”²⁹. Geralmente, o

²⁷ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Op. cit.*, p. 115.

²⁸ GILMORE, David. Commodity, comity, Community: male exchange in rural Andalusia. In: *Ethnology*, 30(1), 1991, p. 28, Apud VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Op. cit.*, pp. 186-187.

²⁹ O “chupim” é um pássaro que, segundo a crença popular, bota seus ovos nos ninhos de outros pássaros para que estes possam criá-los. Desse modo, configura-se como um explorador. Por esta razão, o indivíduo que se aproveita da boa vontade alheia é considerado um “chupim”. Chopim (*Molothrus bonariensis*) ave da família dos icteridae. Para maiores informações sobre os hábitos e costumes dessa ave; consulte: http://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/aves/chopim_%28molothrus_bonariensis%29.html

“chupim” é um tipo extrovertido e brincalhão. Chega ao bar de mansinho, fazendo brincadeiras e piadas; cumprimenta todo mundo: “E aí, chegado?”, ou “e aí, véio, beleza?”. Apesar de sociável (ainda que de uma sociabilidade hipócrita), o “chupim” é um aproveitador. Circula de mesa em mesa; conversa com um e com outro e bebe. O problema do “chupim” é que ele nunca paga nada, está sempre “duro”, “quebrado” ou “desprevenido”; fato considerado por alguns como “conversa fiada”, “cascata”.

Esse comportamento do “chupim” não passa despercebido e, frequentemente, é alvo de comentários e reprovações; quando não, ainda que raramente, de acusações diretas. Numa comunidade onde a relação dar/receber³⁰ é pautada por padrões inscritos no universo cultural das pessoas, o “chupim” é quase sempre tolerado, nunca respeitado.

O significado da bebida no interior dos bares

A relação que os freqüentadores do bar têm com a bebida vai além do mero prazer em consumi-la por suas propriedades “anestésiantes”. A bebida também serve para medir a atual situação financeira dos freqüentadores do bar e conferir *status*; além de, algumas vezes, tornar-se veículo de discórdia entre “chegados” e, conquanto isso seja raro, entre amigos.

Como bem observado por Souza³¹ o álcool constitui-se um dos componentes da construção da noção de “homem de verdade”. É – de acordo com esse autor – “através da compra, partilha e consumo da bebida alcoólica que um homem se faz mais homem perante os outros homens”. Contudo, o consumo exagerado – até a embriaguês total e conseqüente descontrole – de bebida alcoólica não é

³⁰ Para maiores informações sobre a relação dar/receber e a categoria de reciprocidade na literatura sociológica, vide MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: formação e razão das trocas nas sociedades arcaicas. p. 183-294. In. *Antropologia e Sociologia*. Cosacnaify. 2003 536 pp. Tradução: Paulo Neves. Disponível em: http://www.4shared.com/document/Na1GKXuu/Sociologia_e_Antropologia_-_Ma.html

³¹ SOUZA, Rolf Ribeiro de. *A confraria da esquina: o que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando – etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio*. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2003, p. 45.

visto com bons olhos pelo grupo; pois pode macular a imagem de homem – que é duramente construída e que está em constante avaliação.

Cabe, aqui, a análise de Mirandé³², acerca do homem latino e da construção da masculinidade enquanto categoria: “[...] os homens latinos não constituem, quiçá, uma massa homogênea, monolítica e indivisível como quer fazer crer o paradigma tradicional”. Sugere-se, então, que não existe um modo de ser masculino, mas uma variedade de modalidades e masculinidades que não são somente diversas, mas frequentemente contraditórias. Ou seja, a construção da masculinidade não se dá somente no interior dos bares; mas em vários outros contextos sociais e culturais onde os homens se relacionam.

Outra faceta interessante diz respeito à atual situação financeira de um ou outro frequentador do bar, situação que é medida pela “marca” da cerveja que se está tomando; se a está tomando acompanhada de um aperitivo e, algumas vezes, pela quantidade de bebida consumida. Por exemplo: se um frequentador do bar costuma beber – diariamente ou todas as vezes que vai ao bar – duas ou três garrafas (ou latinhas) de cerveja Skol – a preferida entre a maioria dos consumidores de cerveja nos bares; por acreditarem ser esta cerveja a “melhor” –, mudar este costume e começar a tomar Cintra ou Kaiser (que, segundo alguns entrevistados, “dá uma tremenda dor de cabeça”) despertará comentários do tipo: “Você viu fulano? Parece que ele tá ‘quebrando’. O cara só tomava Skol, agora tá tomando cerveja mais barata; a coisa deve tá ficando feia pra ele”. Para Durhan³³, estas características culturais se dão por causa da:

[...] uniformização do consumo criada pelo nível salarial, a existência de problemas comuns nas áreas de habitação, saúde, escolarização e acesso ao mercado de trabalho que promove, nessa população, *o desenvolvimento de tipos de sociabilidade, modos de consumo e lazer; padrões de avaliação do mercado de trabalho e formas de percepção da sociedade que lhes são próprias* [grifo meu]

³² MIRANDÉ, Alfredo. Los hombres latinos e la masculinidad: um panorama general. In: *La Ventana*, n.8, 1998, p. 23. (Capítulo tomado del libro *Hombres y machos. Masculinity and latino culture*, de Alfredo Mirandé. Westview Press, Boulder, 1997, pp. 9-28). Disponível em: <http://148.202.18.157/sitios/publicacionesite/laventan/Ventana8/ventana8-1-1.pdf>

³³ DURHAN, Eunice Ribeiro. *Op. cit.*, p. 170.

Os comentários de que “fulano” está “quebrando” são feitos, geralmente, por pessoas que não mantêm estreitos laços de amizade com ele. Os amigos só fazem estes comentários de brincadeira; ou seja: quando chegam ao bar e se encontram com um outro e o vêem tomando uma cerveja que não a de costume, cochicham entre si (sempre na presença do outro, para que este saiba que é uma brincadeira) e comentam em voz suficientemente audível: “Olha só a cerveja que o ‘menino’ tá tomando, a coisa num deve tá boa pra ele”. Esta brincadeira geralmente enseja alguns “insultos” e palavrões; cuja intensidade de suas manifestações é medida de acordo com o tipo de bar onde se está: o “bar de família” ou o “bar liberado”.

No que concerne às manifestações de indignação, insultos e palavrões, que as brincadeiras ensejam e encerram, destaca-se a explicação de Radcliffe-Brown³⁴, onde este afirma que:

A relação de brincadeira é uma combinação singular entre cordialidade e antagonismo. O comportamento é um comportamento que, em qualquer outro contexto social, expressaria e provocaria certas hostilidades, mas este comportamento não é suposto ser levado a sério e, na realidade, não é levado a sério. Existe uma pretensa hostilidade e uma verdadeira cordialidade; por outras palavras, a relação é uma relação de desrespeito consentido.

“Truco, ladrão!”: os jogos e suas particularidades

O jogo é outra das características importantes no âmbito dos bares. Aqui, os jogos preferidos são o baralho e a sinuca. O truco é a modalidade mais praticada pelos frequentadores e a que, via de regra, provoca mais algazarra: gritos, pancadas na mesa e gargalhadas; além ensejar uma gama de gestos – previamente combinados entre os parceiros. Esses gestos transmitem sinais que servem de instrumental estratégico para um resultado positivo aos “contendores” que os utilizam nessa querela lúdica.

³⁴ RADCLIFFE BROWN, A. R. *Estrutura e função nas sociedades primitivas*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989, p. 134.

Assim, tal instrumental constitui-se uma espécie de jogo de sinais – que os jogadores de baralho fazem uso, principalmente na modalidade do truco – dentro de outro jogo oriundo das práticas e desdobramentos de um jogo maior; mais nem por isso, de menor importância. O sistema de sinais elaborado para um determinado jogo não é perene, ou seja, não segue inalterado nos jogos subsequentes. Um gesto, ou alguns gestos, como por exemplo: um modo peculiar de cruzar as pernas; piscar os olhos ou cofiar o bigode podem ficar “manjados” e, com isso, denunciar ou levantar suspeitas acerca do significado subjacente que ocultam; ou seja: no jogo existe alguma coisa “em jogo” que confere um sentido à ação³⁵.

Por conta disso, os jogadores estão sempre elaborando novos sinais ou trocando o significado dos já existentes. Essa troca pode se dar da seguinte maneira: quando cruzar a perna direita sobre a esquerda significa dizer “o meu jogo tá ruim”; cruzar a perna esquerda sobre a direita pode significar o contrário. Todavia, quando esses gestos ficam “manjados”, trocam-se seus significados e eles podem passar a representar a posse de uma ou mais cartas que, necessariamente, não indiquem vantagem ou desvantagem; servindo apenas para troca de informações entre os parceiros do jogo de truco.

Outra modalidade de diversão praticada nos bares é o jogo de sinuca. Este jogo pode ter como participantes dois ou quatro jogadores. Há, ainda, uma terceira opção que é o “birro”, onde se joga com até cinco pessoas. Quando se joga com um adversário, a escolha das bolas em relação aos números é feita através do “par ou ímpar”. Aqui, respeita-se a regra do jogo que é chamada de “saída” ou de “estouro”; que consiste em colocar as bolas de sinuca na mesa (14 bolas, dependendo do tipo de jogo o 8 (oito) fica fora) em forma de triângulo numa das extremidades da mesa e, com o “bolão”, dar a tacada inicial. Se cair na caçapa uma bola de número par, o jogador que “saiu” terá de continuar o jogo “matando” apenas as bolas de números pares; por conseguinte, seu adversário terá de “matar” as bolas de números ímpares. Quem conseguir derrubar na caçapa as 7 (sete) bolas que lhe correspondem no jogo, passa para o 8 (oito); derrubada esta, ganha-se a partida.

O birro é uma modalidade mais “séria” do jogo de sinuca. Enquanto nas outras modalidades – parceiro contra parceiro ou dupla contra dupla – a partida

³⁵ HUIZINGA, Joham. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1993.

é jogada só pelo valor da “ficha”, ou só pela diversão de jogar – neste caso os jogadores não disputam nada e dividem as despesas; no birro só se joga a dinheiro ou, ainda, valendo cerveja. A quantidade de cervejas (medida por garrafas, nunca por latinhas: uma, duas, três ou mais) é acordada pelos contendores no início de cada partida.

O jogo do “birro” é simples: se 3 (três) pessoas forem jogar é necessário utilizar 15 tampinhas de garrafa, 5 (cinco) para cada jogador. As tampinhas – de cerveja, refrigerante, qualquer uma serve – são recolhidas e numeradas de 1 (um) a 15 (quinze). Depois, os jogadores as recolhem se conhecimento prévio do número das bolas que lhes cabem “matar” no desenrolar do jogo. Após saber quais devem ser derrubadas para se ganhar o jogo, a partida começa.

À primeira vista, o ritual de “saída” não parece ser nada mais que uma maneira de se iniciar o jogo. Entretanto, esta prática possui algumas peculiaridades que dão testemunho a respeito das normas de sociabilidade existentes entre os jogadores. O ato de “saída” não é um ato voluntário. Ele depende da “autorização” do adversário com quem se joga. Normalmente, essa autorização é dada informalmente com um simples “pode sair”, ou “você pode começar”, e, também, com um pedido por parte de um dos jogadores: “posso sair?”.

A inobservância dessas “normas” por parte de algum jogador pode gerar desentendimentos no decorrer da partida. O jogador que transgredir a regra pode, durante o jogo, sofrer sanções por parte de seu adversário devido à sua negligência. Tais sanções, no entanto, limitam-se ao âmbito do jogo e não têm, geralmente, maiores consequências. As sanções aparecem ao longo da partida através da inobservância de uma vantagem que o jogador “transgressor” possa vir a ter. Contudo, depois de aplicado o “castigo”, elas perdem seu poder e caem no esquecimento, sem complicações sérias nem ressentimentos profundos.

O “castigo” mencionado é aplicado nas seguintes circunstâncias: às vezes, durante um jogo, o jogador “transgressor” reclama quando quaisquer dos seus “direitos” não são atendidos, mas logo é informado do porquê da sanção com frases do tipo: “você começou o jogo saindo sem pedir nada, meu, e agora vai reclamar do quê?!”, argumento que tem ressonância na assistência que parece, às vezes, desatenta; mas que na verdade é observadora arguta e, por conta disso, juíza implacável desses pequenos litígios.

Assim, tem-se que o jogo funciona como um gerador e mantenedor de algumas formas particulares de sociabilidades e convivências existentes no interior do espaço denominado de bar, sendo dentro desse espaço que o jogo se processa e que suas regras têm validade Huizinga³⁶.

O trabalho revisitado no lazer

Nos séculos XVIII e XIX, em toda a Europa os trabalhadores consideravam o *beber* como um aspecto inextrincável e até obrigatório do trabalho. A bebida foi reprimida no trabalho pelas exigências dos novos sistemas de produção. Por conta disso, historicamente falando, o bar tornou-se o palco da sociabilidade masculina³⁷.

A divisão existente entre lazer e trabalho, expressa nos depoimentos de alguns entrevistados, não é tão rígida quanto eles querem, inconscientemente, fazer crer. Apesar de fazerem questão de enfatizar a liberdade que o tempo de folga pode lhes proporcionar em relação ao trabalho, deste não se separam de todo.

Robert Kurz³⁸ vai mais além e assevera que o tempo do lazer não consiste em tempo liberado e que, na realidade, este tempo não está à livre disposição; pois caso isso fosse verdade, também deveria ocorrer com respeito à atividade produtiva. Para ele, não se trata de ócio no seu sentido antigo, mas de tempo funcional para o consumo permanente de mercadorias.

O “ócio no sentido antigo”, a que se refere Kurz, pode ser interpretado da seguinte maneira: nas sociedades antigas, quando o indivíduo não se ocupava das tarefas que possibilitavam a manutenção de sua existência (caça, pesca etc.), ele ficava na ociosidade. Essa ociosidade não exercia influência na realidade social que circundava o indivíduo. Para Kurz, nas sociedades industriais, o tempo do lazer se constitui como um tempo “liberado” pelo capitalismo para que o indivíduo possa consumir mercadorias “abstratas”, tais como: cinema, música,

³⁶ *Idem*, p. 23.

³⁷ VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Op. cit.*, pp.184-185.

³⁸ KURZ, Robert. A ditadura do tempo abstrato. In: *Lazer numa sociedade globalizada: leisure in a globalized society*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000, p. 42.

entre outras. Assim, segundo Kurz³⁹, o homem que vive sob o regime capitalista é um trabalhador, não apenas quando ganha dinheiro, mas também quando gasta. Desse modo, a diversão é o prolongamento do trabalho. Ela é procurada pelos que querem esquecer os processos de trabalho a que estão submetidos para que estejam de novo em condições de enfrentá-lo⁴⁰.

No interior dos bares, entre amigos, os homens se sentem mais à vontade para falar abertamente a respeito de suas ocupações: a organização ou desorganização da empresa onde trabalham; um encarregado insuportável; um colega dedo-duro; enfim: trocam impressões; experiências; opiniões, construindo, com os fragmentos destes elementos, suas concepções a respeito da realidade.

Considerações finais

O que se buscou nesse trabalho, foi compreender como as pessoas que moram na periferia entendem suas práticas de entretenimento e diversão; como se dá a interação das pessoas no exercício dessas práticas e o grau de satisfação alcançado no desenrolar dos eventos. Essa satisfação é encontrada no convívio com os amigos, na reunião em torno da mesa do bar para tomar cerveja, jogar sinuca ou baralho ou, ainda, só para conversar. É encontrada, também, nas partidas de futebol disputadas nos finais de semana, enfim, nas ocasiões em que pessoas amigas se juntam para se divertir.

O bar é o lugar de refúgio dos homens na periferia. Aqui, reforçam-se os laços de amizade, sociabilidade e convivência. No bar, entre uma cerveja e outra, é possível esquecer a vida cotidiana e tudo o que ela representa: trabalho; família; obrigações e deveres. No entanto, para algumas pessoas, estas práticas não configuram lazer. Entendem-nas apenas como formas de distração. Para elas, como já observado neste trabalho, o lazer é aquele onde se pode viajar para lugares paradisíacos e se hospedar em hotéis suntuosos, onde se pode nadar em piscinas gigantescas, onde se possa ir à praia a qualquer hora, enfim, interiorizam a ideologia emanada das indústrias do lazer em detrimento das formas de lazer que possuem.

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 33.

A conclusão a que se chega neste trabalho a respeito do lazer na periferia, é que este é influenciado pela propaganda e pelas indústrias de lazer. Ainda que esta influência não inviabilize e nem invalide a satisfação que as pessoas obtêm nas práticas a que se entregam para se divertir.

